

## Álvaro de Campos: sobre religiões e confeitaria

Álvaro de Campos: on religions and sweet shop

Por Anaxsuell Fernando da Silva

Mestre em Ciências Sociais (UFRN)

Doutorando em Ciências Sociais (UNICAMP)

anaxsfernando@yahoo.com.br

### Resumo:

Álvaro de Campos foi poeta e não escreveu nenhum livro. Dele dispomos de composições isoladas disponíveis a partir da obra do seu criador, o poeta português Fernando Pessoa (1888 - 1935). O heterônimo-engenheiro tinha especial interesse pela temática religiosa, muitas das imagens poéticas podem ser associadas a signos da religiosidade. Neste trabalho, fruto de pesquisa para dissertação de mestrado, discute-se a insatisfação desta personagem pessoana com as religiões institucionalizadas - de modo especial a Católica -, ressaltando a compreensão que Campos possui da interação entre mito e racionalidade e assim compreender sua perspectiva religiosa. Dando destaque à sua relação com o protestantismo.

### Palavras-clave:

Fernando Pessoa. Religião. Antropologia da Literatura. Sociologia da Cultura. Álvaro de Campos.

### Abstract:

Álvaro de Campos was poet and didn't write any book. About him we just have some isolate compositions available from the work of his creator, the Portuguese poet Fernando Pessoa (1888-1935). The heteronym-engineer had special interest for religious theme, many of the poetic images can be associated to signs of religiosity. In this article, research fruit for master's degree dissertation, the dissatisfaction of this character of Pessoa is discussed with the institutionalized religions - in a special way with the Catholic religion - emphasizing the understanding of Campos about the interaction between myth and rationality, to understand his religious perspective, giving emphasis to his relationship with Protestantism.

### Keywords:

Fernando Pessoa. Religion. Anthropology of the Literature. Sociology of the Culture. Álvaro de Campos.

### Introdução: adentrando no universo poético pessoano

Álvaro Campos nasceu em Tavira, no Algarve, no dia 15 de outubro de 1890 às 13h30min, e, embora tenha se graduado em Engenharia Naval por Glasgow, nunca exerceu a profissão e viveu a maior parte da sua vida inativo em Lisboa. Entretanto, sê-lo fará significativa diferença em sua produção poética. Foi incentivado ao estudo por um tio sacerdote que vivia em Beira, que lhe ensinou o latim, posteriormente recebeu educação vulgar de Liceu e, em seguida, foi mandado para a Escócia.

Alto, com 1,75m, de cabelo preto e liso com risca lateral, impecável e um bocadinho esnobe, usuário de monóculo. Burguês e antiburguês, requintado e ao mesmo tempo provocador, neurótico e angustiado, impulsivo. Campos foi a figura típica de um certo vanguardista da época. Morreu em 30 de novembro de 1935, dia e ano da morte de Pessoa.

Nos primeiros meses de 1914, fez uma longa viagem marítima ao Oriente. Desta, resultou a experiência poética do *Opiário*, escrito a bordo no Canal do Suez, publicado posteriormente retrodatado. Desiludido desta viagem, retorna a

Portugal onde esperará um encontro com o seu mestre Caeiro. Espera-o com cansaço e sonambulismo poético, como ele declara no poema: “Volto à Europa descontente, e em sortes / De vir a ser um poeta sonambólico”. Poucos meses depois, em junho do mesmo ano, Campos assinava a *Ode Triunfal*, solene e vigorosa celebração do fervilhar do real. Ela foi publicada um ano depois, no primeiro número da revista *Orpheu*.

Ao apresentar um autor, a tentação ao biografismo é inescapável, sendo assim, fi-la tendo por fonte a ficha biográfica escrita pelo próprio Fernando Pessoa e por informações que este pôs em algumas correspondências para outros. Vale lembrar que Fernando Pessoa “inventou a biografia para as obras e não as obras para as biografias” como com argúcia observou Adolfo Casais Monteiro. E, pelo sublinhar de Octávio Paz (ao estabelecer confronto com Antônio Machado) essa é uma diferença capital.

Campos conheceu Alberto Caeiro, e tornou-se seu discípulo, numa visita ao Ribatejo. Sobre isso dispomos da afirmação: “O que o mestre Caeiro me ensinou foi a ter clareza; equilíbrio, organismo no delírio e no desvairamento, e também me ensinou a não procurar ter filosofia nenhuma, mas com alma”.<sup>1</sup> Entretanto, o poeta-engenheiro distancia-se do seu mestre na medida em que percebe as sensações distanciando-se do objeto e detendo-se no sujeito, caindo no subjetivismo. Tais características o farão enveredar, de forma desiludida, pela experiência do tédio e pela consciência do absurdo.

Antes de tudo, é importante assinalar que Campos – a exemplo das demais *personas* do Pessoa – não escreveu nenhum livro. Deixou uma grande quantidade de composições isoladas. Um dos maiores atrativos da sua poesia é o coloquialismo. À medida que nos deparamos com seus poemas, deixamo-nos impregnar por forte impressão de

espontaneidade, semelhante à experimentada em confissões íntimas ou em diários.

Fernando Pessoa pretendia lançar, sob o nome de Álvaro de Campos, uma “Estética não-aristotélica”, baseada na sensibilidade e não no conceito racionalista de beleza.<sup>2</sup> Esse ideal programático faz evidenciar a faceta mais conhecida de Campos, que é a de poeta “futurista”. Não pretendo discutir, por não tratar-se do objetivo desse trabalho, a pertinência ou não desse epíteto (o próprio Campos já se manifestou).<sup>3</sup>

O Eu do poeta, que a todo momento se expõe aparentemente sem inibição, é o fio condutor dos poemas de Campos. Constantemente existem registros dos mais variados estados de espírito – da exaltação ao tédio, da indignação ao humor, do enternecimento ao delírio, e assim por diante – sempre, como se estivesse conversando com o leitor. Assim, ele passa a impressão de que, antes de se preocupar com a literatura e seus artifícios de estilo, preocupa-se com a vida, com a confissão de vida que seus versos intimistas possam encerrar em si. Assinalando a questão do vocabulário, o crítico Carlos Felipe Moisés afirma que “Tal vocabulário nos põe em contato com a multiplicidade e a heterogeneidade da vida moderna”.<sup>4</sup>

Imbricado ao estilo coloquial, temos uma outra característica peculiar, que Moisés afirma ser uma “verdadeira marca registrada de Álvaro de Campos”.<sup>5</sup> Trata-se de uma extrema ousadia na articulação das imagens. Em geral nos seus poemas surgem repentinamente, pelo menos um verso, uma expressão solta, com algum traço de originalidade, seja uma associação inesperada, uma comparação aparentemente despropositada, uma alusão

<sup>1</sup> PESSOA, Fernando. **Obras poéticas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1966. p. 405.

<sup>2</sup> PESSOA, Fernando. **Poemas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 245.

<sup>3</sup> Álvaro de Campos repudiava seu enquadramento em qualquer corrente literária – “Eu, de resto, nem sou interseccionista (ou paúlco) nem futurista. Sou eu, apenas eu, preocupado apenas comigo e com as minhas sensações”. PESSOA, 1985, p. 154.

<sup>4</sup> MOISÉS, Carlos Felipe. **Fernando Pessoa: almoxarifado de mitos**. São Paulo: Escrituras, 2005. p. 90.

<sup>5</sup> MOISÉS, 2005, p. 91.

provocativa ou inusitada. Suponho que tais expressões, aparentemente periféricas em sua poesia, possam trazer consigo grandes possibilidades de compreensão da imagem que emerge no instante da leitura. Como exemplo, vale mencionar esse verso:

Tiro da cigareira um misticismo  
Que acendo e fumo

A substituição do cigarro (o que geralmente se retira de uma cigareira) por misticismo pode apontar o que o poeta entende seja tanto pelo hábito de fumar, quanto pela sua visão do misticismo. Se por um lado pode sugerir que fumar é considerado por Campos um ritual com algo de místico; por outro, o misticismo é uma espécie de distração, um vício, que só produz fumaça e depois cinzas. Ao acender o cigarro e fumar, o indivíduo interage com o ar por meio dos pulmões. Nos rituais místicos, a interação dos participantes com elementos pode levá-los à ascensão, ao êxtase.

Uma imagem com lugar privilegiado na poética de Álvaro de Campos é a “máscara”. Esta foi uma metáfora consagrada por Nietzsche no sentido de denúncia dos disfarces usados pelo homem para encobrir seus sentimentos mais profundos e ocultos, dizia ele: “Toda filosofia também esconde uma filosofia, toda opinião também um esconderijo, toda palavra também uma máscara”.<sup>6</sup>

A poesia de Campos carrega consigo, na ironia e no cinismo, um desespero existencial que chega a ser ontológico. Esse mergulho é chamado pelo já referido ensaísta Carlos Felipe Moisés de “obsessão retrospectiva”, na medida em que imerge-se em si mesmo. Campos volta principalmente ao passado, preterindo o presente e o futuro. E, este retorno sempre com uma visão negativa, imposta pela inevitável mudança.

O que ele *é* difere substancialmente do *foi*, a ponto de já não reconhecer: é o homem transformado em estranho para si mesmo. Daí

decorre a sensação desconfortável de estar carregando dentro de si não só um estranho, mas um estranho irre recuperável.<sup>7</sup>

Em *Tabacaria*, poema que para alguns é chave para a compreensão de Álvaro de Campos, emergem algumas lembranças do poeta. Não daquilo que ele foi, mas do que aparentou ser, criando um conflito entre o Eu-individual e o Eu-social. Quem se sobrepõe?

Fiz de mim o que não soube  
E o que podia fazer de mim não o fiz. O  
dominó que vesti era errado.  
Conheceram-me logo por quem não era e não  
desmenti, e perdi-me.  
Quando quis tirar a máscara,  
Estava pegada à cara.  
Quando a tirei e me vi ao espelho,  
Já tinha envelhecido.  
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó  
que não tinha tirado.  
Deitei fora a máscara e dormi no vestiário  
Como um cão tolerado pela gerência  
Por ser inofensivo  
E vou escrever esta história para provar que  
sou sublime.

Estas imagens conectam-se com um tema antiquíssimo da literatura: a vida é um baile de máscaras, um teatro, onde todos aparentam ser o que não são, daí a referência a “dominó” e a “máscara”. A originalidade de Campos reside no fato de introduzir um novo elemento a esta antiga discussão literária: admitir que esta representação pode ser involuntária, inconsciente. Muitos vestiriam as máscaras sem se dar conta de que é realmente uma máscara. “Fiz de mim o que não soube” parece sugerir que representava-se um papel sem se dar conta da representação, e ainda mais era um falso papel.

### ***Mythos e Logos: a crítica de Campos à modernidade***

Um dos aspectos mais intrigantes da visão de mundo de Álvaro de Campos é a sua dimensão mítica. O mito não é definível pelas categorias objetivas de espaço e tempo que dispomos e nem

<sup>6</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas**. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p. 193.

<sup>7</sup> MOISÉS, 2005, p. 111.

pelos limites impostos pela lógica convencional, para se vincular ao sobrenatural. Campos era engenheiro naval, conhecedor da mentalidade da sua época. Filho da modernidade.

Na modernidade, via-se o *mythos* como opositor ao *logos*, isto é, à razão. Era o discurso filosófico/científico designado como intelectual e tido como absoluta verdade, e por isso emergia-se superiormente ao contrapor-se às narrativas míticas. É importante ressaltar que o mito é algo inseparável da linguagem, fazendo jus a sua raiz etimológica já que *mythos* significa discurso. *Mythos* e *Logos* possuem, de fato, antagonismos ao mesmo tempo que têm complementariedades, interferindo um no outro<sup>8</sup>.

Peter Berger aponta para o fato – consensual entre os estudiosos do fenômeno religioso – de que a cultura moderna trouxe consigo um processo de secularização, não no sentido de emancipação entre as instituições sociais (separação entre igreja e estado), mas como “aplicação a processos dentro da mente humana, isto é a secularização da consciência”.<sup>9</sup> Neste cenário, alguns anunciaram “a morte do sobrenatural”. Exageros à parte, é plausível um considerável declínio no mundo moderno no cultivo das crenças.

Seria possível inferir que o poeta-engenheiro, por sua formação, tivesse depositado sua ânsia de conhecer na racionalidade lógica. No entanto, seus constantes questionamentos levaram-no a deparar-se com outras dúvidas. Assim, ele volta seu olhar ao mito, contudo, não abre mão da racionalidade.

Tal compreensão aponta para o reconhecimento das limitações radicais do saber, ou seja, da impossibilidade de estabelecer, através do conhecimento, fundamentos absolutos de verdade.

<sup>8</sup> Para uma ampliação desta questão sugiro consultar: SILVA, Anaxsuell Fernando. Uma introdução a título de ensaio e um ensaio a título de introdução. In: SILVA, Anaxsuell Fernando. **A religiosidade em Pessoa**. São Paulo: Blucher, 2008.

<sup>9</sup> BERGUER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma sociologia da religião. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 23.

Quando Nietzsche proclamava a “morte de Deus” e denunciava o nexo que existe entre verdade e dominação, queria justamente atingir também as formas de absolutização presentes na tradição, ligada de vários modos ao desenvolvimento do racionalismo metafísico.

Nos versos a seguir, Campos apresenta a idéia insinuante de “vasto chão supremo”; na imagem pujante das “chamas explosivas buscando Deus”. Transcrevo-a:

Tudo o que há dentro de mim tende a voltar a ser tudo.  
 Tudo o que há dentro de mim tende a despejar-me no chão  
 No vasto chão supremo que não está nem em cima nem em baixo  
 Mas sob as estrelas e os sóis, sob as almas e os corpos  
 Por uma obliqua posse dos nossos sentidos intelectuais.  
 Sou uma chama ascendendo, mas ascendendo para baixo e para  
 [cima,  
 Ascendo para todos os lados ao mesmo tempo, sou um globo  
 De chamas explosivas buscando Deus e queimando  
 A crosta dos meus sentidos, o muro da minha lógica,  
 A minha inteligência limitadora e gelada  
 Sou uma grande máquina movida por grandes correias  
 De que vejo a parte que pega nos meus tambores;  
 O resto vai para além dos astros, passa para além dos sóis,  
 E nunca parece chegar a tambor donde parte...

Campos vislumbra uma realidade mítica. A mitologia é o vôo da imaginação. Ele (o mito) não obedece à lógica nem da verdade empírica, nem da verdade científica. Ela é intuída, não requer provas para ser aceita e acessa a realidade. O mito não é uma mentira, é sim uma forma espontânea do homem situar-se no mundo, conduzi-lo a uma dimensão transcendente. Dentro desta dimensão mítica, o poeta admite sua busca do sobrenatural e inquieta-se com o fato de que o caminho por ele escolhido parece não comportar a possibilidade da

fê e não aceitar a existência do absoluto e do imutável, como era a idéia de Deus na crença antiga. A visão sociocultural da época de Deus incomoda o poeta:

Ó coisas todas modernas, ó minhas contemporâneas,  
forma atual e próxima  
Do sistema imediato do Universo!  
Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

Deus parece ter sido transformado por uma civilização da técnica e da máquina. Talvez a “inteligência limitadora e gelada”, produto da modernidade, iniba a “chama explosiva” de encontrar Deus. Se assim for, está justificado o seu desejo intermitente de voltar ao passado longínquo e sua manifestada certeza, envolta numa aura mítica, de que este retorno seria a única solução para os seus problemas. O engenheiro-poeta sabe as limitações que lhe impõe o mundo social, por isso encontrar esse Deus talvez só seja possível por meio da imaginação poética.

Os meus versos são a minha impotência.  
O que não consigo, escrevo-o,  
E os ritmos diversos que eu faço aliviam  
minha covardia.

Mas, retornemos à Tabacaria.

Recorrente a muitos de seus poemas é a sensação de impotência, e, com ironia, sarcasmo, desconsolo e angústia com que Campos entrega-se à radical negação de si mesmo:

Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos  
do mundo.

Em sua autonegação concretizada está a contradição. Isto é, a demonstração verossímil de que ele é alguma coisa. Ao escrever “não sou nada”, está implícita a sugestão de que é alguém que pensa, que reflete acerca da sua existência. Todavia, Campos compreende que todas as definições elaboradas ao seu respeito seriam incompletas, pois além do ser deveria ser levado em

consideração o poder-ser. Todas as suas potencialidades. E no quarto verso isso transparece “à parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”. Enquanto se sonha, se pode ser. O sonho guarda consigo o poder de presentificar as potencialidades. Ser alguma coisa implicaria deixar de ser muitas outras. Justamente por não ser, ele é, ou melhor, pode ser.

O poema acolhe notações muito realistas de um cenário, ambientado por movimentações cênicas, muito significativo para a noção de mundo que Campos pretende formular: uma rua, cruzada constantemente por gente, onde se avistam lojas, passeios, carros e cães; ao lado da rua, através do ângulo de visão do poeta, visualizamos no primeiro andar de uma casa um quarto com janelas e uma cadeira; do outro lado da rua, uma tabacaria ao térreo. Movimentos: após estar um tempo à janela, o poeta se recolhe para dentro do quarto, senta-se na cadeira, para em seguida levantar-se, retornar à janela, tornar a assentar-se e acender um cigarro; mais adiante, ele volta a observar a rua, fixa sua atenção no Esteves, que entra na tabacaria e logo sai; o poeta grita-lhe e em seguida o dono da tabacaria sorri.

Além das figuras comuns ao cotidiano citadino (mendigo, bêbado, ciganos, *clown*, dono de estabelecimento comercial), chama-me a atenção a imagem da pequena dos chocolates. Detalhe: ela se apresenta ao leitor, certamente não por acaso, entre parênteses, solta em meio a uma trilha que parecia apontar para outro caminho.

(Come chocolates, pequena;  
Come chocolates!  
Olha que não há mais metafísica no mundo  
senão chocolates.  
Olha que as religiões todas não ensinam mais  
que a confeitaria.  
Come, pequena suja, come!  
Pudesse eu comer chocolates com a mesma  
verdade com que comes!  
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que  
é de folha de estanho,  
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a  
vida.)

Os parênteses podem corresponder ao desejo de se pôr à margem, objetivando, ainda que de modo provisório, interromper o rumo que se tomava o pensamento. Se a afirmação capital inicial “não sou nada” ainda ressoava e tendia ao isolamento, as “janelas do quarto” sugerem a clara hesitação de quem se furta do diálogo, já que “a rua inacessível a todos os pensamentos”, mas ao mesmo tempo está desejoso dele. Daí a pequena que simplesmente “come chocolates”.

### A inocência e a experiência religiosa em Campos

O *pensar* contemplativo do poeta contrapõe-se ao *fazer*, à ação concreta, isto é, comer chocolates. Tal atividade é feita por um infante, uma “pequena”, e assim sendo a ação ganha sentido lúdico, e não o interesse finalista. Chocolate não é alimento, para ela é guloseima. Esta é uma atividade que contém em si deleite e fruição. A menina entregue ao chocolate pelo prazer da gula. Submetida ao fascínio exercido pela guloseima e ao mesmo tempo submetendo-a na medida em que o come. Ali acontece uma ruptura com o tempo linear/horizontal/prosaico, o valor está no instante, no tempo vertical. E naquele instante tudo converge para o ato de comer chocolates, o universo inteiro reduz-se a esta atividade.

Cedo à tentação de estabelecer relação da imagem de Campos e sua pequena com a semelhante imagem do mestre Caeiro e o seu menino-Jesus. Ei-la:

Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas  
No degrau da porta de casa,  
Graves como convém a um deus e a um poeta,  
E como se cada pedra  
Fosse todo um universo  
E fosse um grande perigo para ela  
Deixar-se cair no chão

A pequena possibilita ao poeta vislumbrar uma existência harmônica, plena (obsessão cognitiva desta *persona*), integrada à realidade. Um devaneio

cósmico, como diria Gaston Bachelard em *A poética do Devaneio*.

A atividade de comer chocolates não necessitaria de motivação. A pequena deleitar-se-ia com a guloseima independente da ordem do poeta. Entretanto, ele pede: “Come chocolates, pequenal / Come chocolates!”. Suponho que este desejo, pedido ou ordem do poeta é para si próprio. Ele sim se sente incapacitado para tal empreendimento e, na medida em que invoca a pequena, ensombrecido de desconsolo e melancolia, evoca a si próprio, na esperança de que algo (não o pensamento), permita-lhe comer chocolates. Ou seja, entregue-se à realidade com o mesmo prazer, plenitude e sentido incorporado pela pequena ao comer chocolates sem hesitações.

Álvaro de Campos direciona, com uma majestosa ironia, ainda à pequena o comentário seguinte “não há mais metafísica no mundo senão chocolates”, embora saiba o verdadeiro destinatário, ele próprio. O chocolate, objeto do desejo da pequena, é o ápice da sensação e fonte de prazer. A mais sublime forma de metafísica, aposta em algo não humano. Mas, que advém das banalidades mais triviais (lembro que para a criança, comer chocolates não tem nada de banal) e não das solenes divagações transcendentais.

O poeta introduz um outro elemento. A função pedagógica da religião: “As religiões todas não ensinam mais que a confeitaria”. De um lado esta: vitrine, repositório ou ainda fábrica de guloseimas, fonte de prazer e convite à fruição do instante; de outro aquela, mostruário de verdades e explicações metafísicas em si, montadas sob a estrutura dos dogmas. A religião é comparada à confeitaria pela identificação da finalidade de ambas. O deleite, desfrute do *religare*.

Outro detalhe que poderia passar desapercibido chama a atenção. Ao convidar novamente a pequena para que continue comendo chocolates, existe o acréscimo do adjetivo “suja”. Este acréscimo parece apontar para o ato reprobatório do juízo adulto àquilo que a criança

está perfeitamente alheia, a possibilidade de sujar-se. Nesse sentido, incorre mais uma vez a preocupação com a imagem pública (o eu-social), indício de autocensura. Este pensamento pode levar o adulto à privação da sua vontade para que seja evitada a reprovação social, ao contrário da indiferença infantil que se entrega a tarefa de se lambuzar inconsequente ao instante seguinte. A criança, portadora da atitude ideal (impossível ao adulto observador) desfaz os enigmas e mistérios do mundo, e sabe (mais que qualquer homem moderno) como transformar a experiência, tanto religiosa como de comer chocolates, em algo prazeroso, despreocupada com o entorno social. Na tradição cristã, é consenso que os pequenos são sabedores do verdadeiro exercício religioso, “deles é feito o reino de Deus”. Aos adultos devotos cabe imitá-los: “pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!”.

Mas o homem moderno afastou-se da experiência religiosa e passou a refletir sua natureza. Ao invés de ater-se ao chocolate, reparou o papel que o envolvia e assim afastou-se do verdadeiro objetivo que seria o *religare*.

Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho,  
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida

O invólucro da folha de estanho prende a atenção do indivíduo. “Pensar” a aparência faz com que o indivíduo (que já deveria estar comendo o chocolate) detenha-se naquilo que é supérfluo, e superestime a aparência em detrimento da essência. Quando enfim o sujeito cai em si, o essencial se perdeu, o chocolate caiu. E, novamente, resta nas mãos além do sentimento de perda, a folha de estanho. A vida também está perdida, assim como o chocolate que está no chão. A imagem infantil evidencia a inocência como requisito para a experiência mística, ao passo que a reflexão pode (neste caso) afastar e por tudo a perder.

A atividade pensante, reflexiva, cara à modernidade, que tem como máxima o *cogito*

cartesiano, parece ser desdenhada pelo poeta. Ele vale-se dos mesmos artifícios da reflexão, a dúvida radical, para questioná-la e mais que isso, pela sua crítica, pôr em xeque sua autossuficiência. Os versos a seguir demonstram que a definição implica redução.

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?  
Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa

Na constatação da ausência de Deus e no vício de pensar estão as raízes mais profundas da inquietação pessoana, aqui em Campos, materializada na sensação tantas vezes reafirmada da sua irrealização. O poeta reconhece o seu fracasso: “falhei em tudo”. E, como se quisesse reiterar, repete-o em três metáforas da impossibilidade total:

Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma  
parede sem porta,  
E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,  
E ouviu a voz de Deus num poço tapado.

A negatividade, dúvida, contingência estão presentes no fazer poético de Campos, ainda que não determine o motivo. De fato, a angústia, segundo os filósofos existencialistas (vem-me à mente Kierkegaard, pela estima que Pessoa tinha por ele) não possui causa específica, não se vincula às contingências, mas remete à própria situação do homem no mundo, continuamente projetado para o futuro e às voltas com as possibilidades, que tanto podem concretizar-se quanto redundar num total fracasso. Muitas imagens ao longo de todo o poema remetem a este aspecto, como os versos a seguir:

Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei  
A caligrafia rápida destes versos,  
Pórtico partido para o Impossível.  
Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprezo sem lágrimas,

É importante a distinção dessa angústia com a inquietação e/ou o temor de coisas determinadas.

Estes são sentimentos substitutivos pelos quais, para se tornar mais suportável, a angústia se extravasa. E, tal angústia não está vinculada exclusivamente à noção do futuro, enquanto horizonte de impossibilidades, mas também à consciência do passado, no que tange a possibilidades desperdiçadas. A forte imagem abaixo demonstra esse tipo de sentimento que tenho dito:

Fiz de mim o que não soube  
 E o que podia fazer de mim não o fiz.  
 O dominó que vesti era errado.  
 Conheceram-me logo por quem não era e não  
 desmenti, e perdi-me.  
 Quando quis tirar a máscara,  
 Estava pegada à cara.  
 Quando a tirei e me vi ao espelho,  
 Já tinha envelhecido.  
 Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó  
 que não tinha tirado.  
 Deitei fora a máscara e dormi no vestiário  
 Como um cão tolerado pela gerência  
 Por ser inofensivo

Apresentei anteriormente o ideal de ataraxia de Campos. Contudo, esse ideal é incompatível. A angústia é um tormento infundável, que não cessa nem mesmo com a morte “Mas o dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta, / Olho-o com o desconforto da alma mal entendendo. / Ele morrerá e eu morrerei. / Ele deixará a tabuleta, eu deixarei os versos”.

Na obra *O ser e o tempo*, Heidegger, como é notório, tenta sair da tradição metafísica caracterizada, sobretudo a partir de Descartes, por atribuir destaque à dimensão cognitiva ao invés da ontológica que, para ele, em sentido fenomenológico, é como facticidade que precede todo conhecimento. Ele mostra, de fato, que o Cogito não é a origem fundante em cuja base pode ser definido o ser do sujeito, mas sim, uma dimensão própria do nosso ser-no-mundo, enquanto situação, caracterizada efetivamente (angústia, medo, tédio, etc.) que precede qualquer atividade intelectual possível. O conhecimento reflexivo do ser humano individual não nasce como relação imediata do sujeito consigo mesmo, mas, pelo contrário, como resultado da mediação simbólica da experiência vivencial afetiva

originária, através das determinações do significado que emergiram no interior do contexto específico da nossa existência histórica.

A linguagem nos aparece, antes de mais nada, como um horizonte insuperável. Por isso, nada pode ser alcançado diretamente além das formas históricas de mediação simbólica que nos foram transmitidas. A partir dessa perspectiva, em certo sentido, não podemos pensar a não ser o que a linguagem nos oferece para pensar. Mas é justamente nessa consciência que se manifesta o caráter relevante e ocultante da linguagem. Aí é onde entra Campos, o pensamento rememorativo abre para o aspecto impensado que a linguagem, por sua natureza, traz consigo não só no discurso filosófico, mas também nas diversas formas simbólicas, do mito, da poesia e assim por diante. Na imaginação, a linguagem está aberta a novas possibilidades de dar significado, e, na linguagem poética isso se dá de forma muito mais ampla, pois “não está presa às servidões da significação” como diz Bachelard em *Fragmentos de uma poética do fogo*.<sup>10</sup>

Óbvio que seria errôneo identificar o ser heideggeriano com a idéia de Deus, não pretendo fazê-lo. Já que tal idéia seria mais uma vez uma forma indevida de objetivação do ser; mas é também verdade que uma reflexão sobre a possibilidade de uma experiência religiosa, que se recuse a transformar esta mesma experiência numa mera forma de tranquilização ou numa expressão da vontade de dominação das consciências, não pode, hoje, proceder senão a partir da crítica da metafísica.

Em *Magnificat*, Campos alcança a unidade, que em sua concepção é conseguida pelo contato direto com o Absoluto, Deus. Neste poema, ele oferece-se como dinamismo poderoso que integrou em si “todos os movimentos que compõem o universo, a fúria minuciosa e dos átomos, a fúria de todas as chamas, a raiva de todos os ventos, a espuma furiosa de todos os rios” e afirma:

<sup>10</sup> BACHELARD, Gaston. **Fragmentos de uma poética do fogo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Quanto mais eu sinta  
 Quanto mais personalidades eu tiver  
 Quanto mais intensamente, estridentemente  
 as tiver,  
 Quanto mais simultaneamente sentir como  
 todas elas  
 Quanto mais unificadamente diverso,  
 dispersamente atendo,  
 Estiver, sentir, viver, for,  
 Mais possuirei a essência total do universo,  
 Mais completo serei pelo espaço inteiro fora  
 Mais análogo serei a Deus, seja ele quem for,  
 Porque, seja ele quem for, com certeza é tudo,  
 E fora d'Ele há só Ele, e tudo para ele é  
 pouco

Noutro poema, Campos, num devaneio de solidão, utiliza-se da “luz de uma vela mortíça”, em oposição às luzes das lâmpadas elétricas, a que ele estava acostumado e anunciara noutros poemas, para reler um trecho bíblico. Bachelard sugere o motivo desta opção: “parece que há em nós cantos sombrios que toleram apenas uma luz bruxoleante. Um coração sensível gosta de valores frágeis”.<sup>11</sup> A luz da vela ilumina os cantos sombrios. Assim, o poeta entrega-se à leitura do 13º capítulo da “Primeira Epístola aos Coríntios”, rodeado de sombras e silêncio sentindo-se impactado pela profundidade do texto bíblico. Tal contato o faz chegar num “sossego excessivo” dentro de si, em contraposição ao barulho do seu entorno. Vê-se sufocado com a possibilidade da possibilidade – para Kierkegaard<sup>12</sup> esta é uma das maiores angústias – de não ter caridade. Um detalhe chama-me atenção. Ele lia o texto bíblico na bíblia protestante e parece surpreender-se com a existência dela quando assinala, “coisa curiosa”. Ao final, a sua lapidar declaração “eu não sou nada” desemboca na constatação confessional “Meu Deus, e eu que não tenho caridade!”. Tudo isso está no belíssimo poema *Ali não havia*. Transcrevo-o:

Ali não havia eletricidade.  
 Por isso foi à luz de uma vela mortíça  
 Que li, inserto na cama,  
 O que estava à mão para ler —

A Bíblia, em português (coisa curiosa), feita para protestantes.  
 E reli a "Primeira Epístola aos Coríntios".  
 Em torno de mim o sossego excessivo de noite de província  
 Fazia um grande barulho ao contrário,  
 Dava-me uma tendência do choro para a desolação.  
 A "Primeira Epístola aos Coríntios" ...  
 Relia-a à luz de uma vela subitamente antiquíssima,  
 E um grande mar de emoção ouvia-se dentro de mim...  
 Sou nada...  
 Sou uma ficção...  
 Que ando eu a querer de mim ou de tudo neste mundo?  
 "Se eu não tivesse a caridade."  
 E a soberana luz manda, e do alto dos séculos,  
 A grande mensagem com que a alma é livre...  
 "Se eu não tivesse a caridade..."  
 Meu Deus, e eu que não tenho a caridade!

Como busco nesse trabalho signos de religiosidades ligados às significações poéticas, cabe mencionar o conhecimento de Campos de textos bíblicos. O poeta que consegue ouvir “a voz de Deus num poço tapado”, assemelha-se aos personagens bíblicos – do Antigo e do Novo Testamento – que passaram por experiência de prisão, e nela conseguiram experimentar uma manifestação divina.<sup>13</sup>

## Conclusão

Os passos percorridos neste artigo permitem compreender, ainda que superficialmente, a concepção religiosa de Álvaro de Campos. Partimos da sua abertura para o misticismo e procuramos ao longo do percurso demonstrar sua compreensão prudente do mito, na medida em que resgata seu sentido originário, e apontar sua compreensão ampla de divindade. Além do “Deus morto” anunciado por Nietzsche. Assim, a religião estaria – para esta persona pessoana – na dimensão do prazer e não no âmbito mutilador da dominação institucional.

[Recebido em julho de 2008  
 e aceito para publicação em maio de 2009]

<sup>11</sup> BACHELARD, Gaston. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 53.

<sup>12</sup> KIERKEGAARD, Sören A. **Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

<sup>13</sup> Para exemplificar menciono o profeta Jeremias (no Antigo Testamento), Lázaro, Paulo e Silas (estes no Novo Testamento), além do próprio Jesus.